

# FAMÍLIA E TRABALHO INFANTIL NO LIXÃO

*Tereza Cristina Ribeiro da Costa<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Estadual da Paraíba/Departamento de Serviço Social, Rua Engenheiro Vasconcelos Bittencourt, nº. 45/204, Várzea, Recife, PE, [terezadacosta@hotmail.com](mailto:terezadacosta@hotmail.com)

**Resumo** - Este trabalho aborda a problemática do trabalho das famílias nos lixões, que vem contribuindo para o aumento do trabalho infantil. O estudo vem sendo desenvolvido no lixão do bairro do Mutirão, no município de Campina Grande-PB, visto que a maioria das famílias da comunidade vive de “catar lixo”. Percebe-se que esse trabalho tem se configurado como uma alternativa para as famílias vulnerabilizadas e subalternizadas, que encontram no trabalho de catar lixo um meio de sobrevivência, dada à conjuntura econômica atual, que traz em suas bases a precarização do mundo do trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho infantil, família, lixão, exclusão social.

**Área do Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas

## Introdução

O trabalho nos lixões é desumano, mas necessário, para aquelas famílias que não tem renda fixa e vivem do mercado de trabalho informal. Este trabalho cruel rouba a infância de milhões de crianças e/ou adolescentes vulnerabilizados pela fome, miséria e exclusão social a que estão submetidos.

A aproximação com as famílias, faz chegar mais perto de compreender quais os limites, contradições e contribuições que o trabalho infantil oferece no seio familiar, relacionado à incorporação da criança e do adolescente no mercado de trabalho em várias ordens. Neste sentido, o tema tornou-se uma problemática. Diferentes análises mostram que a inserção precoce não é necessariamente uma escolha, mas uma imposição de uma realidade social preconizada e excludente. O individualismo, a tecnificação, o acúmulo de riqueza para uma minoria, a concorrência por uma vaga no mercado de trabalho totalmente informatizado, o enfraquecimento das Políticas Sociais e a normalização da pobreza vem fazendo parte de uma conjuntura, em que o aumento da desigualdade é uma realidade cada vez mais presente no país, derivando-se deste modo, diversos problemas sociais; dentre eles, o trabalho infantil.

Desde a década de 1980, o Brasil vivenciando uma luta em torno dos direitos da infância e adolescência, que culmina com a inscrição de prerrogativas desses direitos na Constituição de 1988, ganhando destaque nesse momento as articulações de entidades governamentais e não-governamentais nacionais e estrangeiros que participaram do processo de elaboração de políticas sociais na área. Destaca-se nesse processo a implantação do ECA

(Estatuto da Criança e do Adolescente), que O ECA com finalidade de assegurar a toda criança e adolescente o direito básico de viver e desenvolver-se saudavelmente, com educação e recebendo proteção absoluta da família, sociedade e poder público. O Estatuto da criança e adolescente é resultado de um forte e demorado processo de mobilização da sociedade e insegurança as leis que rege os direitos da criança e adolescentes, os tornando indivíduos assegurados de proteção integral da família, estado e sociedade civil. Desde então vem sendo criadas políticas e programas buscando garantir direitos. Nesse contexto, outra prerrogativa adotada foi o “Programa de Erradicação do Trabalho Infantil” (PETI) que é criado no sentido de retirar crianças e adolescentes envolvidos no trabalho, visando ainda garantir o acesso e permanência destas crianças e adolescentes na escola.

No entanto, a realidade do bairro do mutirão nos mostra uma realidade perversa, crianças e adolescentes estão cotidianamente trabalhando no lixão, dividindo espaço e comida com insetos diversos e urubus.

## Materiais e Métodos

Muitos autores apontam que a principal causa do trabalho precoce apresenta suas raízes a partir da desestruturação familiar. Questionam-se quais os fatores que contribuem para que famílias inteiras passem a viver do lixo, a despeito das legislações que protegem crianças e adolescentes, percebe-se que não só direitos sociais estão sendo rompidos, mas os próprios direitos humanos, a própria liberdade de escolhas dessas famílias.

Aponta-se entre os fatores que contribuem para esse processo de exclusão social: a flexibilização do mercado de trabalho as novas

tecnologias que contribuem para o desemprego estrutural, o acirramento das forças produtivas a êxodo rural, a concentração de riqueza, desvalorização do salário, que juntos geram a pobreza e a miséria.

No Brasil, a família está diante de uma crescente desresponsabilização do Estado, observada na própria fragilidade das políticas sociais, resultando no não atendimento aos seus direitos, acentuando as precárias condições de sobrevivência. O trabalho infantil emerge em meio a esse processo como alternativa de garantir a sobrevivência.

Essa realidade coloca-se como alerta à implementação de políticas públicas sociais que busquem reverter o atual quadro de exclusão e carência em que se encontram essas famílias, que passam a construir no cotidiano, várias estratégias de sobrevivência.

A utilização da mão de obra infantil se manifesta como uma necessidade familiar, representando um meio de subsistência, através da exploração da força de trabalho nas sociedades capitalista, se constituindo como um processo histórico pertencente à natureza das relações sociais, pertinentes a cultura familiar.

Dessa forma não podemos culpabilizar a família, por essa desestruturação social e econômica em que estão inseridas. Trata-se de uma conjuntura em que a sociedade e Estado estão deixando de cumprir com suas funções, responsabilizando a família por sua desestruturação. Não estão dando condições de sobrevivência às famílias, as quais se submetem as várias formas de trabalho degradante, insalubre e perigoso expondo suas vidas a qualquer tipo de trabalho, exclusive o de catadores de lixo.

No caso estudado, sabe-se que historicamente, o desenvolvimento do trabalho infantil é encontrado na Paraíba especialmente, em canaviais e garimpos. Percebe-se nesse estudo que essa realidade não mudou. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pelo menos 130 mil crianças estão envolvidas com alguma atividade de trabalho remunerado na Paraíba. Muitas desses trabalhos oferecem remuneração de jornada semana de R\$ 5,00. (IBGE, 2005).

Na atualidade, em Campina Grande crianças e adolescentes estão envolvidos nas mais diversas formas de trabalho, seja no campo, nas indústrias, nas ruas e principalmente em lixões. Estas crianças e adolescentes sentem-se na obrigação de contribuir no orçamento familiar, visto que o trabalho dos demais membros da família, já não mais é suficiente para prover o sustento da família. Assim, passam a ingressam no “mercado de trabalho” na perspectiva de ajudar no orçamento de casa.

Dessa forma a pesquisa tem como objetivo analisar os processos representacionais que estão na base das mediações das relações entre as práticas familiares a cerca das estratégias de sobrevivência e o cuidado na família. A investigação serve-se da metodologia qualitativa e quantitativa, buscando uma maior aproximação da realidade. Apóia-se em duas categorias de estudo: as condições de trabalho e os processos representacionais que legitimam as práticas sociais. Os dados são coletados através de entrevistas semi-estruturadas com as famílias que trabalham no lixão.

No que tange as condições de trabalho buscamos apreender além da situação dada – “a cata de lixo” – os processos de vida que interferem na nas escolhas. O estudo utiliza ainda, a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, apreendendo-as como “uma unidade de conhecimento particular que tem como função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos” (MOSCOVICI, 1978:26).

Quando falamos em representações sociais partimos da premissa de que elas são elaborações mentais constituídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objetivo do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza pela linguagem. Levando em consideração que a apropriação dos aspectos da realidade aponta para um conjunto de símbolos, valores conceitos e imagens que configuram as práticas cotidianas via representação social, compreendida como “uma forma de conhecimento elaborado e compartilhado, tendo uma perspectiva prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. (Moscovici, 1978).

## Resultados

No que tange a análise das condições de trabalho, o estudo reforça a discussão de que nas sociedades modernas, os lixões se constituem como:

*depósitos de lixos existentes nas grandes cidades onde milhares de homens, mulheres e crianças vivem e lutam desesperadamente entre si para encontrar restos que possam comer ou vender. Tanto o lixo como os que dele vivem, nos lixões, são produtos nitidamente originados pela modernidade, cujos consumidores produzem um excesso de lixo e a concentração de renda um excesso de pobres. As sociedades pobres não têm tanto lixo; as justas não têm tantos pobres.* (BUARQUE, 2001:207)

O lixão do Mutirão localiza-se ao lado da comunidade que leva o mesmo nome, fica acerca de 5 km da Cidade, próximo do Presídio, local de difícil acesso na periferia do Município de Campina

Grande/ PB. Pela via de transito local não é possível percebê-lo circulando pela área, está recuado e o acesso é dificultado pela oscilação do terreno e falta de manutenção da via de acesso. As visitas ao lixão nos mostram um quadro estarrecedor. A imagem é impactante. O ambiente é hostil. Lixo a céu aberto, muitos urubus, moscas, enormes, aos milhares. Do ponto de vista sanitário, o acúmulo de insetos e de uma infinidade de germes em torno do lixão, é responsável direto por várias doenças que assolam as famílias trabalhadoras.



Lixão do Mutirão – abrigos improvisados

Entrando lixão adentro passamos a encontrar as pessoas, as famílias, famílias inteiras, vivendo ali, muitas armam tendas com lonas, plásticos e madeira para passar o dia, comem ali, naquele ambiente, dividem a comida e o espaço com insetos e urubus. Foi observada ainda a presença de crianças e adolescentes de todas as idades, com ênfase na adolescência. Falar com as crianças ainda é um desafio, alguns fogem por vergonha, outros por medo, pois não são escassos os casos de crianças que estão inscritas no PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, e trabalham dia e noite no lixão com suas famílias.

Para subsistir, idosos, adultos, jovens e crianças amontoados e sem quaisquer condições de proteção, disputam o lixo. Catam restos de comida para sua própria alimentação ou, materiais recicláveis para vender aos atravessadores. Famílias inteiras trabalham no lixão, todos moram na comunidade do Mutirão. Catam de tudo, todos os dias. Quando o caminhão chega todos se aproximam para não perder matéria-prima. Poucos usam vestimentas mais adequadas para se proteger. Alguns usam botas, a grande maioria, sandálias abertas. Quanto ao vestuário, a maioria usa calça comprida, para proteger as pernas, segundo uma senhora “*para evitar as mordidas das moscas, e dos bichinhos*”. Utilizam as mãos para catar, sem luvas. Algumas mulheres apresentavam um pano ou camisa no rosto e cabelo para proteger.



Lixão do Mutirão – A chegada do Caminhão

### Discussão

Muitos não sabem ao certo como foram parar no lixão, relacionam ao fato de morarem ao lado. Outros foram parar lá devido a falta de oportunidade em outro setor da cadeia produtiva. Para estas pessoas, o lixo transformou-se em fonte de trabalho e até mesmo de sobrevivência direta.

Nas entrevistas, verifica-se que muitos pais de família ou responsáveis, passam a trabalhar no lixão, especialmente, devido à falta de outras oportunidades de trabalho, dado o aumento do desemprego:

“... *Faz muito tempo que não trabalho legal (carteira assinada), nem me lembro a última vez, fui fazendo bico fazendo bico e hoje viemos morar aqui (Mutirão) e todo mundo cata...*” (Sr. J. S. Catador do Lixão do Mutirão).

A análise preliminar dos processos representacionais legitima as práticas sociais, reforçando a importância de conhecer a concepção das famílias sobre o trabalho infantil e compreender, através das construções simbólicas, como essas famílias utilizam, nas práticas cotidianas, o trabalho infantil como uma estratégia de sobrevivência na medida em que os pais não conseguem garantir a manutenção da família.

Assim, o trabalho infantil não se define somente no plano físico; apenas a sua visibilidade pode ser maior nesse plano. Essa observação se justifica quando se constata que a violência do trabalho infantil como a ironia, a omissão e indiferença não recebem no meio social, os mesmos limites, restrições ou punições que os atos físicos de violência. Levando em consideração que a apropriação dos aspectos da realidade aponta para um conjunto de símbolos, valores conceitos e imagens que configuram as práticas cotidianas via representação social, compreendida como “uma forma de conhecimento elaborado e compartilhado, tendo uma perspectiva prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. (Moscovici, 1978).

## Conclusão

Por fim, constata-se que a oferta da mão-de-obra de crianças demonstra ser uma das estratégias de sobrevivência que a família empobrecida, tendo negado seus direitos fundamentais, arranhou para conseguir sobreviver. Percebe-se que a utilização da mão de obra infantil se exprime como uma necessidade familiar, manifestando-se como um meio de subsistência, através da exploração da força de trabalho nas sociedades capitalista, se constituindo como um processo histórico pertencente a natureza das relações sociais, pertinentes a cultura familiar. No caso das crianças e adolescentes, são graves as conseqüências que elas sofrem, além dos riscos de saúde, posto que, muitas deixam de ir à escola para ir para os lixões, outras estão muito atrasadas ou fora da série que deveriam estar sem falar, do preconceito que sofrem por serem catadores de lixo. Sendo assim esses fatores contribuem para a desistência da escola, para se dedicar ao trabalho subumano e degradante que é o trabalho no lixão, trazendo em seu bojo outras violações que afetam e comprometem o desenvolvimento adequado das crianças e adolescentes, alterando sensivelmente, sua identidade social construída nas práticas sociais cotidianas.

## Referências

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

BITTAR, Marisa. Trabalho Infantil e situação de risco em carvoarias e destilarias de Mato Grosso do Sul. Ser Social. Brasília: UNB, 1998.

CASTEL, R. As metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário. Petrópolis, Vozes, 1998

CONANDA, Conselho Nacional dos direitos da criança e adolescentes. Ministério da Justiça / Secretaria do Estado dos direitos humanos / Departamento da criança e do adolescente © 2000 Ministério da Justiça.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD 2003. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). Boas Práticas de combate ao trabalho infantil: os 19 anos do IPEC no Brasil, Brasília: OIT, 2003.

MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 1978.